



REGIONALIDADES DO SUL: PROTAGONISMO BIOGRÁFICO E NARRATIVAS DE VIDA NO UNIVERSO ESCOLAR E ACADÊMICO

Ações de pesquisa, ensino e extensão voltadas para a sociedade

Haydée Maria da Silveira França de Vargas.¹

Daniela da Silva dos Santos²

Tamara Conti Machado³

Laísa Flores de Quadros⁴

RESUMO

O projeto de ensino tem o objetivo de ir ao encontro de protagonistas e suas narrativas no universo escolar e acadêmico, com o objetivo de reatualizar-se a cada espaço, identificando possibilidades e rupturas em que as humanidades interagem em todos os níveis de formação e educação. O projeto consiste em exposições de fotos itinerantes que tem o objetivo de dar visibilidade aos protagonismos do cotidiano. Desta forma, busca-se identificar nos diversos meios formativos, novos espaços de socialização e educação para discussão do protagonismo cotidiano relacionado aos aspectos referentes as questões de gênero e sexualidade, étnicas e raciais, geracional, arte e cultura, movimentos comunitários, religiosidades e outros que evidenciem com suas trajetórias, resistências e rupturas nas dinâmicas de produção de qualquer forma de violência, discriminação e racismo. Assim, o presente trabalho é um relato de experiência de uma oficina realizada em uma instituição de ensino pública da cidade de Santa Maria – RS, com a participação dos alunos que, após a oficina foram convidados a contribuir com o rol de fotografias biográficas da exposição fotográfica itinerante.

Palavras-chave: protagonismo. Educação, narrativas biográficas.

Introdução

O projeto de extensão fotográfico tem o objetivo de protagonizar narrativas, reatualizando em cada espaço possibilidades em que as humanidades interagem. Teve início na Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira UNILAB em Redenção/CE, no ano de 2017, na coordenação da Professora Joana Elisa Rower intitulado Consenso, Dissenso e Silenciamento: Protagonismo Biográfico e Narrativas de Vida no Universo Acadêmico, de onde partiu para realização itinerante de exposições fotográficas com outras parcerias em espaços formativos públicos, durante o ano de 2018. Na região sul, a Universidade Federal de

¹ Mestre em Educação, Professora aposentada da rede estadual de ensino do RS, haydeefranca@yahoo.com.br

² Graduanda em História – Licenciatura, Universidade Federal de Santa Maria – RS, danielasilva.2003@yahoo.com.br.

³ Mestranda em Educação – PPGE/UFSM, Bolsista Capes e Graduanda em História – Licenciatura, Universidade Federal de Santa Maria – RS, conti.tamara@gmail.com.

⁴ Mestre em Educação, Professora da rede estadual de ensino do RS, laisaq@hotmail.com.



Santa Maria integra estes espaços de socialização e educação do projeto, acompanhando a discussão do cotidiano nos aspectos e questões de gênero e sexualidade, étnicas e raciais, geracional, arte e cultura, movimentos comunitários, religiosidades e outros que evidenciem protagonismo nas trajetórias de resistências e rupturas nas dinâmicas e produção de qualquer forma de violência.

O protagonismo e as narrativas através da produção e exposição fotográfica itinerante busca discutir modos de vida que atravessam, pluralizam e vitalizam a expressão de subjetividades diferenciadas. Na UFSM o projeto seleciona os protagonistas entre professores da rede estadual, identificados no trabalho do cotidiano escolar nas áreas de educação física, história, currículo, pedagogia e em movimentos sociais. Todos estes pesquisadores nas suas áreas de formação, participantes do Grupo de Pesquisas Núcleo de Estudos sobre Memória e Educação – CLIO/UFSM, integrantes críticos ao processo de construção de sentidos e significados desvelados nos espaços expositivos através de suas contribuições autobiográficas.

O projeto " Regionalidades do Sul: Protagonismo Biográfico e Narrativas de Vida no Universo Acadêmico", justifica-se desta forma com a possibilidade de promover ações e reflexões da Universidade Federal de Santa Maria em sua região de abrangência, promovendo a socialização do conhecimento produzido por meio da relação dialógica entre Universidade e os diferentes setores da sociedade. A cultura extensionista estimula a participação no desenvolvimento de ações educativas, culturais e de produção do conhecimento através da organização e circulação da exposição e de seus protagonistas, em espaços de ensino e movimentos comunitários. A integração das Unidades e Departamentos por meio da produção e inserção do conhecimento responsável e transformador, contribui significativamente com a aproximação das narrativas autobiográficas, organizadas pelo Coordenador e participantes do projeto juntamente com os responsáveis das instituições anfitriãs.

Neste contexto, a Prof^a Haydée Maria da Silveira França de Vargas, protagoniza o tema “Configurações e Reconfigurações do Corpo na Educação: ensaios autobiográficos da Dança Livre”, fundamentada na sua pesquisa de mestrado “Ecos da Ponte Pênsil Sob as Águas da Razão e da Emoção” (PPGE/UFSM,2005), orientada pelo Prof. Jorge Luiz da Cunha, também coordenador do atual projeto. A travessia da narrativa autobiográfica da pesquisadora sob o olhar de Paul Ricoeur “o si mesmo como um outro”, reatualiza sua experiência na fenomenologia de Merleau Ponty do “corpo próprio”, que no sujeito é a síntese



da unidade e movimento em o meio, as palavras e o processo de existir. Com isto, propõe o protagonismo das narrativas para redimensionar a compreensão e o reconhecimento de “si mesmo”, corporalizado na ação ativa e cotidiana da formação humana, sob a égide da escola e sociedade.

Através do método autobiográfico, o protagonismo e a construção das narrativas dos alunos de Ensino Médio da rede Estadual, em dialética com os conteúdos de Educação Física discutem a dimensão social e transcultural dos valores ético-moral na percepção da corporalidade e formação humana. O deslocamento das narrativas sobre a ótica estética, simbólica e emocional do “corpo próprio” na escolarização, configura o reconhecimento da percepção sensível e autorreflexiva para o cotidiano dos hábitos, condutas e papéis corporalizados entre os participantes do grupo. Este movimento ampliado à metáfora da “dança livre”, polariza a configuração e a refiguração no tratado e estudo dos alunos através da autoprodução de suas fotografias e narrativas do “corpo próprio”, corroborando na discussão dos objetivos e itinerância da exposição fotográfica no projeto.

1. Configuração e Refiguração do corpo na educação: Ensaios Autobiográficos da Dança Livre

Enunciação corpórea da fotografia:

A autobiografia enreda na memória a teia da corporalidade e, interpreta o pensamento e os sentidos no espaço festivo e crítico desta linguagem. A refiguração desta analogia no processo educativo, dilata o protagonismo do sujeito entre a racionalidade e a realidade sensível. Nossas máscaras são os ritos desta travessia, trincheira, fortaleza, campo fértil à plantação das videiras. Uma alegoria na dança livre, encantada, para o agir revolucionário nas vias da complexidade cultural e unidade ontológica.



Acervo pessoal: Haydée Maria da Silveira França de Vargas

O protagonismo autobiográfico, interpreta a trajetória das narrativas na configuração da imagem e rito da Dança. Na fotografia a enunciação, isto é, o estudo precedente à linguagem, dilata na máscara a flexibilidade da identidade na configuração, refiguração e préfiguração da bailarina e professora de Educação Física. Neste universo, os saberes da arte e da cultura corporal do movimento aproximam a percepção do “corpo próprio”, designado na interpretação e metáfora da “dança livre”. Este processo, onde dizer é fazer, busca o reconhecimento de “si-mesmo” como um outro no plano da ação, ontológico e antropológico, enredado nos valores estéticos e éticos, constituídos e reconstituídos na rememoração sócio cultural em meio a temporalidade e humanidade. A dança como expressão natural e cultural enraíza do período paleolítico superior sua origem semântica, que em sânscrito, significa “tan”, isto é, tensão (BERTONI,1992). Na condição de limites e possibilidades, a dança opera estados de tensão e criação, expressão e interpretação, um viés entre o idem e o ipse polarizado entre o modo de narrar e reinterpretar a realidade, na ética e conflitos da narrativa.

O experimento e o protagonismo na “dança livre”, mediado pelo convite da Prof^a Laisa Quadros da Costa, anima o fio condutor no projeto em relações e significados do corpo na disciplina de Direito e Legislação do Curso Técnico em Secretariado na Escola Estadual Maria Rocha. A dialética dos encontros entre várias discussões e perturbações, produziram identidades narrativas corporalizadas para compreensão da alteridade e diversidades dos

participantes. O engajamento ontológico ético e moral distinto no palco das narrativas, contemplaram as singularidades, as trajetórias e os deslocamentos atemporais de cada aluno. Resultados que surpreenderam e ratificaram a importância do tema, tanto para nossa pesquisa quanto para os alunos e itinerância do projeto. Uma teoria da ação prática reflexionada também na Escola Edson Figueiredo, juntamente com a prof.^a Dirlane Pacheco Machado que também protagonizou sua autobiografia neste outro espaço do ensino.

O ensaio dirigido às trajetórias dos interlocutores, potencializou a identidade nos sentidos e significados da linguagem e narrativas do corpo, um cenário aberto à experiência sensível na escolarização, para fazer a crítica e contribuir com a complexidade e análise desta dimensão no contexto acadêmico. A simbólica da forma estética na imagem corporal, apresentam a descrição da ação para a prescrição de uma realidade atemporal carregada dos valores ético-moral. Entre as narrativas reflexivas estão acontecimentos e temporalidades, vivências e subjetividades, marcas e conflitos da transição e ação ativa do corpo na prescrição da palavra. A travessia do realismo para o idealismo, revela o peso da tradição histórica cultural entre o procedimento da ação narrada e a inovação dos comportamentos suspensos no discurso formativo da escola. A configuração desta experiência “adquire relevância filosófica ao postular uma relação possível entre o tempo do mundo da vida, o tempo do relato e o tempo da leitura” (Arfuch,2010p.112). Uma tripla dialética da reflexão e análise da mesmidade, ipseidade de si e do outro diverso para atestação de um modo de ser.

Neste trabalho a escuta singular às vozes da ação, narração e imputação da moral, entre o bom e o obrigatório, coloca a mediação do corpo ativo em suspensão com os ideais da época. A tensão ética e estética, estudos ulteriores da trajetória percorrida em 2005, refazem a interpretação hermenêutica e fenomenológica do ‘corpo próprio’ nas questões ontológicas do agir humano nas determinações da ética e da moral, a norma e o dever, o querer e o desejo, a vontade e a autonomia e outros permanentes na atestação de si. Na fotografia, o pensamento de Walter Benjamin aponta o silenciamento oculto na imagem, um contexto desta linguagem em correlação a ação e o personagem, identificado no si da identidade narrativa de Paul Ricouer. Assim, a voz dos interlocutores, estudantes, homens, mulheres, com idade diversas e experiências únicas, escrevem mais um capítulo de uma história coletiva, tangentes a potência das narrativas para o reconhecimento do “si-mesmo”. Um advento na configurações e refiguração de modelos e percepções sobre narrar-se, contextualizar e transformar.

A discussão atravessa a sociedade midiaticizada e o simulacro do corpo objeto, uma partilha entre o íntimo privado e biográfico, distinto na atestação individual do em si não como isolamento, mas unidade analógica e fio intersubjetivo, criativo e valorativo, atual e presente na ética e na política, do pessoal para o institucional. O protagonismo cotidiano invisível no cenário da escolarização, oferece possibilidades críticas no olhar ao nosso bem viver e conviver, contrapondo as relações de poder e sujeição corporalizado na memória do corpo. Uma interlocução ao Vigiar e Punir de Foucault (1987) e Bordieu & Educação (1998), quando referem-se, aos mecanismos escolares na reprodução cultural e social das estratégias de poder e, a utilização deste sistema instituído e construído na sua prática por diferentes grupos.



Acervo pessoal: Laísa Flores de Quadros, Março de 2018. Escola Estadual Maria Rocha

2. A Potência Das Narrativas do “si” nas trajetórias(auto)biográficas

A narrativa reflexiva sobre o sujeito no corpo próprio, cria um caminho observatório ao conflito da tradição e da transição, da repartição e da partilha, a inovação no plano de modelos, valores e juízos operantes para o bem comum. É portanto este diálogo do indivíduo com a sociedade, a preocupação de si na evidência experimental da *phonésis* e *aesthésis*, uma atestação de reconhecer-se, um “eis-me aqui”, uma concepção ética para realidade. Reatualizar e relativizar este contexto, fez sacudir as verdades prontas do grupo, provocado nas narrativas e contextos referidos nas reflexões da expressão sensível da corporalidade. Na prática o discurso aproximou valores e sentidos novos para a formação humana da turma, com análise à concepção ética na hermenêutica Ricoeuriana do “si mesmo”.

Este rito na fotografia corporaliza a obra e a arte na analogia da metáfora da dança livre, isto é, o corpo e a narrativa. Um processo de exploração e avaliação, que compara a configuração da narrativa literária puramente no plano da determinação estética e a refiguração no plano da descoberta do julgamento ético dos personagens. Um processo reflexivo que envolve a suspensão da ação no imaginário, uma transformação com respeito ao sentir e agir do sujeito. O caráter analítico da ipseidade em possibilidade com os deslocamentos na ética e estética da imagem corporal, revela as marcas do agir expressivo desta dimensão para um ato revolucionário de mudanças pessoal e social. Um processo de avaliação e curiosidade para constituir a verdadeira vida, onde o julgamento moral não é abolido, mas sim mediado pelo modo e simpatia que faz reviver nossa humanidade mais profunda em espaços e tempos diversos. Uma percepção nos hábitos, posturas e atitudes do corpo próprio, uma filosofia prática da ação para “noção da identidade narrativa”, que em Ricoeur ajuda a explicar as relações entre narrativa e ética.

As trajetórias e sentidos do corpo, ampliados e abertos no cenário da racional da escola impulsiona o protagonismo autobiográfico dos alunos à crítica e argumentação da experiência sensível. O movimento e a simbólica da forma estética entre os significados da apresentação da imagem corporal, e os sentidos de narrativa discursiva projetam a prescrição das palavras, trazendo uma realidade carregada de valores ético-moral. Nesta perspectiva o tema desenvolveu as narrativas e singularidades dos alunos, referidos não só de conhecimentos, sentimentos e hábitos inter e intra subjetivos e singulares, mas também descortinou a polissemia de nossa existência. Um movimento atemporal na apresentação do “si mesmo” para o grupo.

O que de mim lembro quando me vejo no corpo? O que a escola me apresenta para rever e trabalhar o meu corpo? O que sinto ao falar sobre o corpo? Este viver junto desafiou o tema para atualização, os limites e as fronteiras que na experiência evidenciou a fragilidade da instituição na argumentação do componente curricular Educação Física no curso noturno. Dito: não temos aula e quando temos não nos detemos a pensar o corpo, mas agimos sobre ele, isto é, jogamos. A idade cronológica para alguns, narrou na finalidade teleológica da escola a ascensão do trabalho braçal para o intelectual, visto que o envelhecimento do corpo limitaria a atual atividade. Outras situações singulares, como a orientação sexual imputaram



narrativas e intersecção entre o aspecto privado e público, reconhecidas no campo da resistência, diversidade e violência.

As interrelações do corpo com o prazer, a alegria, o ritmo, a música, são narradas pelo simples mérito de sorrir, encontrar os colegas. Um partilhar de sentidos no corpo, que ensina a reconhecer a igualdade da vida na instituição e a solicitude nas relações interpessoais. Para Ricoeur, um primado ao senso de justiça e a perspectiva ética na constiuição da identidade narrativa(1991). O deslocamento à estética corporal no cotidiano dos interlocutores, reflexiona a ética pessoal da moral obrigatória no coletivo social. O contexto das narrativas em relação as imagens das fotografias dos alunos, afirmam a amplitude ainda oculta no simbolismo da forma, tangentes ao reconhecimento e estima de si. Nas interações dos conteúdos trabalhados o primado da ética sinaliza o senso de justiça e solicitude, enriquecidos e referenciados pela grandeza dos participantes na travessia dos conflitos e sentidos das narrativas. O reconhecimento do si-mesmo, pareceu simbolizar o fenômeno do caráter, pelo que a pessoa se torna identificável, para a pesquisadora mais uma metáfora na interpretação da identidade narrativa para “um cordel encantado”, uma ação ativa em obra e arte no mistério da criação.

3. A Travessia Estética Na Descoberta Ética-Moral

Os encontros, em janeiro deste ano, efetivaram a coprodução fotográfica na configuração da imagem estética e a refiguração ética nas narrativas interdiscursivas e intercorpóreas dos alunos. O protagonismo da trajetória na simbólica do gesto e atitude da cena fotográfica, revelou no viés percorrido vertentes filosóficas e dialéticas na busca da formação de uma verdade ética, sujeita as implicações e discussões do bem comum. O primado referido nas perguntas: o que, porque, e quem descreve a ação trazem as respostas às indagações e significações na imagem da fotografia.

“Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Todo o comportamento ou ato social individual nos parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutural social. (...) o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história desse sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual.” (Ferraroti, 2010, p. 44).

Enunciação: “Cabe a você escolher o caminho da luz ou da escuridão” (Valéria).



Acervo pessoal: Láisa Flores de Quadros, Março de 2018. Escola Estadual Maria Rocha

A interpretação hermenêutica na fotografia coloca o sentido da luz e das trevas na ética da moral. Uma configuração prospectiva dos sentimentos no corpo pautado aos valores humanos, refigurada para negação da recuperação dos presidiários no sistema carcerário atual. A fotografia produz a percepção narrativa do corpo descrito e explicado no contexto da ação prática da disciplina de direito e legislação. Um processo discursivo mediado na reflexibilidade desta dimensão, onde os hábitos, atitude e ou condutas refiguram a ética no dualismo da identidade e da ipseidade no deslocamento do si-mesmo. Um protagonismo prescrito em pensamento, ação ou sentimento, que pode vir narrados do passado para tomar lugar nas antecipações do presente e do futuro, Uma preocupação entre a retrospecção e a prospecção.

Enunciação de Luiz “Estou para sempre livre do medo de nunca ter tentado”





Acervo pessoal: Laísa Flores de Quadros, Março de 2018. Escola Estadual Maria Rocha

A escolha da foto produzida anterior ao projeto, narra a atitude de libertação e coragem ao encarceramento individual subjetivado e negado no reconhecimento social de “si-mesmo”. A atitude do corpo na classe do professor causou um desagravo na rede social com críticas ao gênero, orientação sexual, prescrições tendenciosas e históricas da exclusão e violência social. A indignação tematizada nas aulas da prof^a Laisa, marca as fronteiras instituídas na tradição desta desigualdade e a transgressão e refiguração desta segregação, intersubjetiva e naturalizada que sobrepõe a ética pessoal na moral obrigatória para execrar a nossa própria condição humana. Em “O Narrador” de W. Benjamin(1987) diz que arte de narrar é a arte de trocar experiências, experiência no sentido da sabedoria prática, e pressupões avaliações teleológicas e deontológicas nas ações operadas, e que são aprovadas ou desaprovadas

Paul Ricouer (2017) afirma: “Longo é o caminho para o homem que “age e sofre” até o reconhecimento daquilo que ele é em verdade, um homem *capaz* de certas realizações”. Assim, cada reconhecimento de si e das possibilidades de caminhos possíveis para a felicidade individual, são marcas importantes para o desenvolvimento individual e também do grupo com quem compartilha as conquistas. Uma verdade que passa pelos critérios da equidade institucional e solicitude pessoal, uma filosofia prática para o exercício crítico da alteridade.

Enunciação de e com Sr. Luiz

A imagem do menino e do adulto desloca o pensamento geracional e cultural no corpo, e no tempo real da narrativa faz o reconhecimento de si na ação conjunta e política do espaço escolar, o desejo de querer estar junto para aprender e encontrar os colegas. O deslocamento cronológico anuncia a vontade de inovação na ética teleológica da criança minimizando a moral deontológica do adulto, narrado sobre erros e acertos reconhecidos como experiência e ajuda aos jovens colegas.



Acervo pessoal: Laísa Flores de Quadros, Março de 2018. Escola Estadual Maria Rocha

“Segundo Sócrates “a memória encontra o corpo e as sensações provocam marcas e escreve um discurso em nossas almas”. Ainda cabe pensar com Ricoeur, assumido por Bergson em *Matéria e Memória* [...] não estamos lidando com duas leituras o corpo, da corporeidade – corpo - objeto diante do corpo vivido – com o paralelismo deslocado do plano ontológico para o plano linguístico ou semântico.” (Vargas, 2005, p.34).

Considerações Finais

A negação da realidade sensível elimina a carga de sentidos ocultos nos saberes desta dimensão, uma perda sobre o poder transformador nas relações de nossos valores ético-moral. Uma finitude que começa no silenciamento da sensação, ordenação e significado da nossa própria percepção sensorial. Uma reflexibilidade que alinha-se ao protagonismo e trajetória da professora Haydée, na narrativa autobiográfica da sua formação acadêmica, de onde denota as implicações éticas na prefiguração oral deste contexto, permeado pela configuração da sua própria estética corporal e analisa a refiguração prescrita entre a ética e as rupturas sinalizadas sobre o tema em questão. Uma inquietação à resposta da sua pergunta “Em que medida a experiência sensível pode exercer a função de descoberta e transformação no sentir e agir da ação ativa no protagonismo das narrativas autobiográficas?”

Referências

ARFUCH, Leonor. A vida como narração. In: Arfuch. Leonor. *O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.



BERTONI, Iris Gomes. **A dança e a Evolução O Ballet e seu contexto teórico: Programação Didática.** São Paulo :Tanz do Brasil, 1992.

FERRAROTI, **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida.** Natal: EDUFRN, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão,** trad. Rafael Ramallete. Petrópolis, Vozes,1987.

NOGUEIRA, Maria Alice; Nogueira, Claudia Martins. **Bourdieu & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PONTY, Merleau. **Fenomenologia da Percepção.** Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RICOEUR, Paul. **O percurso do reconhecimento.** Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **A Memória, a história o esquecimento.** Tradução de Alain François. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **O si mesmo como um outro.** Tradução de Lucy Moreira Cesar – Campinas, SP: Papyrus, 1991.

VARGAS, Haydée França. **Ecos da Ponte Pênsil sob as águas da razão e da emoção.** Dissertação de mestrado. PPGE/ UFSM. 2005.

WALTER BENJAMIN: **Imagens.** Carlos Pernisa Junior, Fernando Fabio Fiorese, Nilson Assunção Alvarenga (Org.) – Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.